

resenha:

TRAGTENBERG, Maurício. **O capitalismo no século XX** – 2ª. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2010 (Coleção Maurício Tragtenberg), 186p.

Análise do capitalismo nas leituras de Maurício Tragtenberg

Antonio Ozaí da Silva*



“O capitalismo no século XX”, é parte do esforço de preservar e divulgar a obra de Maurício Tragtenberg (1929-1998). Soma-se, portanto, aos demais títulos da COLEÇÃO

MAURÍCIO TRAGTENBERG, dirigida e editada pelo Prof. Evaldo A. Vieira e publicada nos últimos anos pela Editora UNESP.

Este trabalho foi publicado originalmente em 1967 (Editora Senzala), sob o título “*Planificação: desafio do século XX*”, resultado da monografia apresentada por Maurício Tragtenberg na Universidade de S. Paulo, que lhe deu o direito de prestar o vestibular. A presente edição foi cuidadosamente revisada pelo editor. Nele, Tragtenberg analisa as diversas concepções sobre o homem: a judaico-cristã, o homem da *polis* grega, a naturalista – o *homo faber*. Uma característica que salta à vista é a diversidade de autores: Nietzsche, Dostoievski, Marx, Engels, Lenin, Kierkegaard, Franz Kafka, Kant e Erich Fromm. Nos capítulos em que analisa, desde as condições de surgimento do capitalismo ocidental à evolução da sociedade russa (as origens ao stalinismo), a lista é acrescida de outros

autores como Leon Trotsky, Max Weber, Rosa Luxemburgo, Victor Serge, Werner Sombart, etc. Isso expressa o conjunto dos estudos e leituras realizadas, de forma autodidata, por vários anos. Por outro lado, demonstra a abertura de espírito à absorção do conhecimento em suas diversas fontes.

O “testemunho de um amigo de muitos anos e algumas vicissitudes comuns”, Antonio Candido, enfatiza o caráter heterodoxo deste trabalho:

“O livro que se vai ler foi escrito com profundo empenho vital e intelectual, por um homem que vive em profundidade os problemas da sociedade e do espírito. O leitor verá a tentativa bem conduzida de caracterizar momentos importantes na evolução do capitalismo e do espírito burguês e, depois, nos embates que estes sofreram dos grandes movimentos revolucionários do nosso tempo. Simultaneamente, verá o esforço de reconhecer, na diversidade dos tempos e dos caminhos da história, algumas constantes que permitem localizar o processo desfechado na idéia e na prática da planificação econômica. *Com honestidade e heterodoxia, longe de dogmas e preconceitos, o autor circula entre fatos históricos, sociais e econômicos com uma formosa liberdade, manifestando a cada*

instante uma equação pessoal que não se quer omitir e atua como presença fecundante. Apesar de alguma obscuridade ocasional de expressão, saímos da leitura mais capazes de compreender os temas abordados” (Preâmbulo, p. 9-10).

Este depoimento, a título de apresentação da obra, proporciona a síntese dos temas tratados.

Em “*O capitalismo no século XX*”, Tragtenberg analisa o processo revolucionário russo e expõe as contradições e vicissitudes. Sua crítica à burocratização da Revolução Russa incorpora as análises de Leon Trotsky e Rosa Luxemburgo, mas também Max Weber e o pensamento libertário.

Tragtenberg chama a atenção para os fatores que culminaram no “golpe de Estado” levado a cabo pelo Partido Bolchevique em novembro de 1917. A vitória dos bolcheviques, numa sociedade predominantemente agrícola, em guerra com as forças imperialistas do Ocidente, dilacerada numa guerra civil e sem muitas esperanças quanto às possibilidades de uma revolução européia, dada a falência da social-democracia diante da 1ª Guerra Mundial, expressa a impossibilidade de construção do socialismo em solo russo. O caminho encontrado pelos bolchevistas foi a instituição do “comunismo de guerra”, um regime de coerção.

A principal consequência do “comunismo de guerra” foi a inversão do processo de autogestão. Sob o argumento das necessidades impostas pela guerra, a gestão dos meios de produção foi retirada dos produtores diretos e passou para a responsabilidade de um diretor nomeado pelo Estado. A classe foi substituída pela vanguarda dirigente. O mesmo ocorreu com os

soviéticos, burocratizados e submetidos ao Estado.

Para Tragtenberg, a rebelião dos marinheiros de Cronstadt representa um dos mais expressivos movimentos de resistência ao processo de burocratização e desvirtuamento dos ideais revolucionários. Para o governo Lenin/Trotsky, pelo contrário, representou o afrontamento ao poder bolchevique, um grave perigo, e foi reprimida violentamente. “O esmagamento da insurreição de Cronstadt foi o toque de finados na intenção socialista que animava a Revolução Russa. A burocracia dominante venceu”, escreve (p.112).¹

Tragtenberg analisa ainda os aspectos que configuram o imperialismo russo, o capitalismo de Estado e o processo de concentração da produção, gerador do imperialismo capitalista. E alerta que a superação histórica do capital exige diferenciar “rigorosamente *socialização* dos meios de produção de sua *estatização* pura e simples”. Para ele:

É pela socialização dos meios de produção controlados pela classe operária organizada em suas organizações diretamente representativas, que é possível efetuar-se a passagem de uma sociedade liberal capitalista a uma sociedade planificada, evitando o capitalismo de Estado e o totalitarismo, conservando as

¹ Maurício manteve esta análise crítica. Em 1983, num artigo publicado na *Folha de S. Paulo*, escreveu: “No fundo toda revolução é uma grande desconhecida, quando entendemos por revolução não a simples substituição de homens no poder, mas sim a criação de novas relações de produção, novas relações sociais”, escreveu. Ele concebeu a resistência dos marinheiros de Cronstadt como “Uma revolução na revolução russa” (*FSP*, 10.4.1983). Aos seus alunos e orientandos, propunha leituras críticas para além do marxismo-leninismo ortodoxo das vertentes stalinista e/ou trotskista.

liberdades básicas do homem
(p.170-171).

A obra "*O capitalismo no século XX*" contém, ainda, dois apêndices: "O bolchevismo como fenômeno de aculturação" e "A rebelião de Cronstadt".

Como enfatizado por Evaldo A. Vieira, estamos diante de um autor que se caracteriza "pela erudição meditada, a heterodoxia tolerante e a autonomia intelectual" (p.7), cuja obra, em seu conjunto, permanece atual. Fica a sugestão de leitura!

* **ANTONIO OZAÍ DA SILVA** é docente do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, e autor de "Maurício Tragtenberg: militância e Pedagogia Libertária" (Ijuí: Editora Unijuí, 2008). Email: aosilva@uem.br Blog: <http://antoniozai.wordpress.com>